1.º anno Lisboa, 4 de agosto de 1884 Numero 6

A Illustração Portugueza

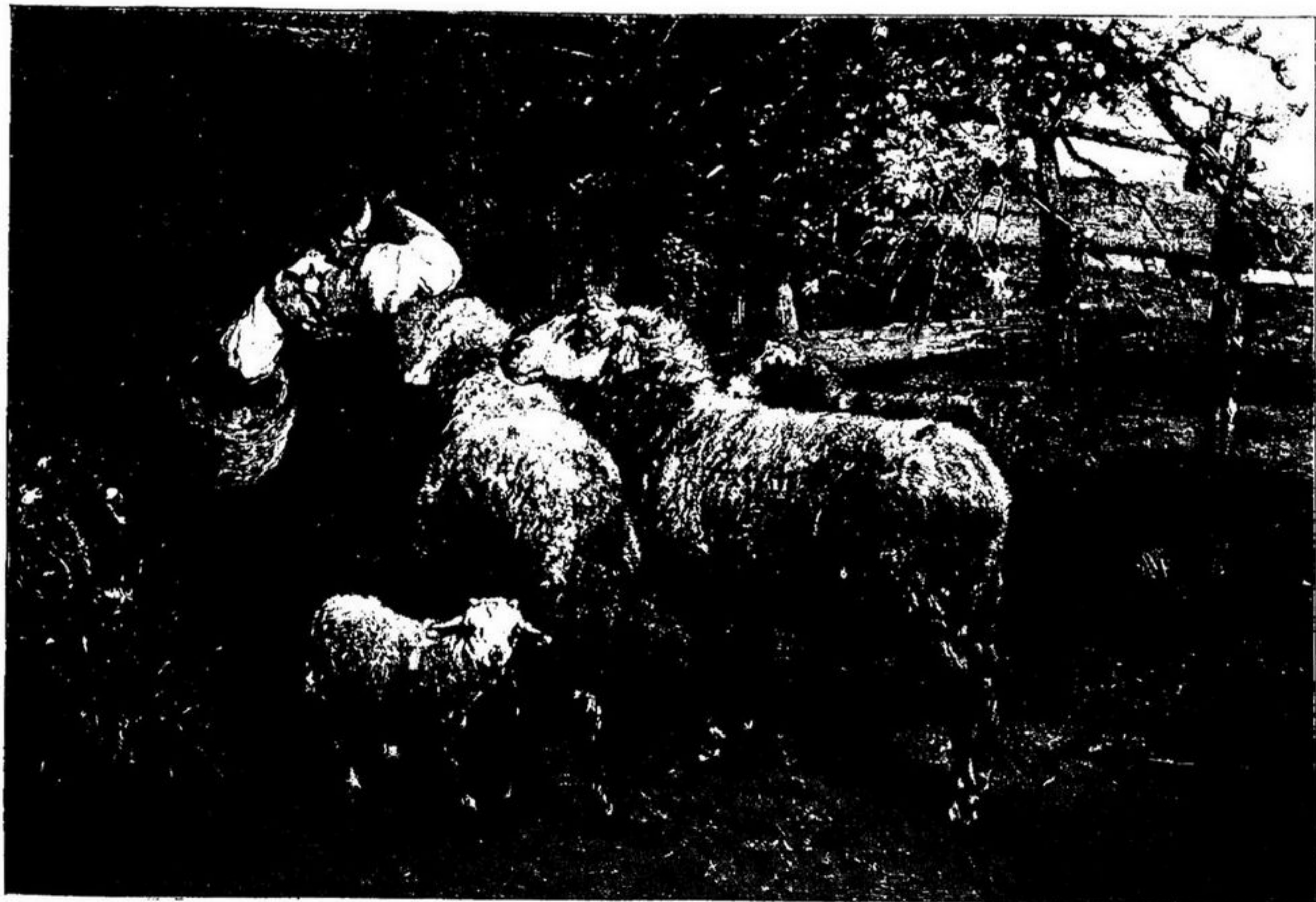
Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; Gastão da Fonseca; D. G. Torrezão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel d'Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; P. Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

CHRONICA

Arrancadas as ultimas arvores anemicas do Passeio Publico, extinctos os derradeiros echos sonorosos de S. Carlos, e feito um silencio tumular nos salões elegantes de Lisboa, pensou-se por ahi que já não haveria onde passar as noites, estas noites pequeninas

DE VOLTA AO CURRAL (Quadro de H. Zügel)

mas abrazadoras, em que o tedio nos assalta e a nostalgia de mais largos horisontes nos accommette.

Espiritos melancholicos e mal dispostos faziam predicções sinistras. Bandarras taciturnos arriscavam prophecias desconsolativas, a que o espectro do cholera, surgindo lá dos confins do Oriente, vinha imprimir um *cachet* tristonho.

Lisboa seria, á noite, como que um vasto cemiterio. Fogos fatuos bruxuleantes erguer-se-iam dos theatros da capital transformados em negros tumulos silenciosos. Nos passeios desertos e abrazados pelas lufadas corrosivas do levante, ouvir-se-ia de quando em quando, a deshoras, o piar monotono das aves de mau agoiro. A alegria, o movimento, a vida, a grande scintillação dos prazeres, o fremito das festas ruidosas, extinguir-se-iam de todo para nós, durante estes longos mezes estivos, em que o sol dardeja a prumo sobre a cabeça esbrazeada do indigena, e as *silhouettes* graciosissimas das damas *d'élite* se esboçam de preferencia nas alêas perfumadas dos frescos jardins de Cintra.

Afinal, a mão benfazeja do destino não quiz ensombrar o quadro da nossa existencia com aquellas tintas pavorosas. Deus louvado, ainda aqui se vive: encontra-se ainda por cá onde matar o tempo, desde que o primeiro *garroche* apregoa as folhas da noite até que o ultimo americano deslisa nos *rails* da Baixa.

Trouxessem-nos as brisas que esvoaçam pelas *cottages* da villa Estephania, viesse a aragem que doudeja por aquelles *chalets* rendilhados e microscopicos acariciar-nos a face afogueada, e nós diriamos ás gentis emigrantes do alto *pschutt* se lhes invejavamos as delicias do seu viver campezino.

— Para quem, no pedir e no desejar, não tem os doidos exaggeros dos filhos da Andaluzia, ou as fantasias tresloucadas d'um pessimismo rebelde, a semana foi prodiga em distracções e passatempos.

Houve de tudo, e barato e economico e variadissimo e despretencioso, sem a exigencia de *toilettes* apparatosas e de *tenues* correctas.

Na Tapada, o certamen de bandas regimentaes, em que alcançou as palmas da victoria a musica da Municipal, regida por um maestro tão distincto como anafado e nedio.

Deu-se, no torneio artistico a que alludimos, um facto curioso. Ao passo que, no anterior concurso das phylarmonicas, todas ellas, boas e más, se reputaram com direito ao premio grande, houve agora banda regimental, que tomou parte no certamen pelo simples amor da arte, declarando previamente que não queria apanhar a taluda.

Medite a *Incrivel Almadense* n'este testemunho de isenção dado pelos lyricos da força armada, e pensem tambem no caso os *Filhos d'Apollo*, de camaradagem com os *Prussianos do Seixal*.

— Na Explanada dos Recreios temos tido as feras de mr. Seeth, uma feras perfeitamente authenticas, que deixam as suas garras perfeitamente authenticadas nas carnes sadias e vermelhas do intrepido domador. Quando as gazetas noticiaram que o audacioso Seeth ficára malferido pelas caricias brutaes d'uma leôa selvagem, pensou-se que era *réclame*, e propoz alguem que o homem exhibisse os ferimentos diante de toda a gente, na mesma explanada, para attestar a veracidade da noticia. As auctoridades policiaes, como era bem de ver, pozeram o seu *veto* áquella exhibição offensiva da moral publica, mas contam-nos que o bella Seeth, instado por um bando curioso de descrentes de ambos os sexos, a mostrar os arranhões recebidos, resolveu á ultima hora dar dois espectaculos:—o do costume, com a sua farda agaloada e elegantissima, e outro de caracter reservado, nos aposentos particulares do seu domicilio, em traje muito mais ligeiro.

Qual d'esses espectaculos será mais concorrido, não o sabemos nós ainda, mas iamos apostar que o segundo.

— O Chalet da Rua dos Condes, uma boceta de costura minuscula, que faz lembrar brinquedos de creança endinheirada, dá-nos boas magicas alegres, como a *Sombra do Rei*, notaveis pelo seu merito litterario muito acima do theatro onde se representam, pelo deslumbramento da sua *mise en-scène* apparatosa, e pela maneira irreprehensivel porque são vestidas.

— A feira de Belem abre-nos as suas barracas de pim-pampum, onde renques inertes de padres-jesuitas, de velhas de capote e lenço e de machacazes feitos de trapo desafiam, com uma impassibilidade alvar, o projectil arremessado pela mão certeira do indigena folião.

Ora digam-nos, depois d'isto, se nós, tendo certamens musicaes de bandas e phylarmonicas, leoas bravias que arranham e mordem, gentis domadores que se mostram vestidos e despidos, magicas em prosa e verso salpicadas de bons ditos graciosos, feira de Belem com queijadas da Sapa e limonada, pelintra, de cavallinho, digam-nos se não somos o povo mais feliz e mais divertido do mundo inteiro, capaz de afrontar um exercito de microbios e uma legião de bacillos!

Quando, acaso, nos enfastiemos de concertos, de feiras e de magicas, ha ainda, á tardinha, o recurso da Patriarchal Queimada, onde municipaes adonis, de *cachucho* luzidio no index, e amas de leite, repolhudas, com loiros *bébés* ao collo, arrulham os seus amores entre a folhagem empoeirada do arvoredo.

Havia, tambem, á noite, o refrigerio do passeio d'Alcantara, onde se faziam, ao luar, nos bancos do municipio, idyllios formosos... Havia!

Mas ai! O feroz municipio, n'um impeto deshumano de prosa austera, mandou subitamente transplantar os citados bancos na Avenida da Liberdade, erma de acacias protectoras, e acabou com os idyllios á luz do astro argenteo!

*

— Mais um soldado valente do passado, que tem a sua estatua: mais um batalhador glorioso e intrepido da guerra da peninsula, a quem a patria, nem sempre grata aos que por ella trabalham, acaba de mostrar-se excepcionalmente reconhecida, levantando-lhe, em bronze e marmore, o monumento immortalisador consagrado aos grandes homens.

Este batalhador audaz, este soldado é o Marquez de Sá da Bandeira. Em vivo, chamaram-lhe simplesmente um «bravo». Hoje, diante da sua estatua erguida na praça de D. Luiz e desvendada pela mão d'el-rei aos olhos d'um povo inteiro, no mesmo dia em que se commemorava o anniversario da Carta Constitucional, hoje todos attentam no vulto grandioso do mutilado illustre, chamando-lhe mais do que bravo: chamando-lhe um «heroe!»

Quasi que é bom morrer para ser alvo d'estas apotheoses!

A chronica, sentindo não dispor de muito espaço para dizer o que foi e quanto valia esse grande liberal immortalisado em bronze, rende a sua memoria saudosissima a homenagem do mais acrisolado respeito e associa-se ás manifestações de profunda veneração com que a patria acaba de honral-a.

C. Dantas.

A DESPEDIDA

Eu vejo aqui raiar essa alegria immensa
Que o nauta sentira depois da tempestade
Ao ver serena a aurora. E uma nova crença
N'alma nos faz brotar a flôr da mocidade.

A lucta é sempre nobre, é sempre gloriosa,
Se d'ella resultar o bem, o amor, a luz!
Ou seja Victor Hugo, ou Huss, ou Spinosa,
Ou combata Luthero, ou venha de Jesus.

Sem lucta não se vence. O vasto pensamento,
Qual espada de luz, transpondo essa amplidão,
Ergue-se, aguia possante, além do firmamento,
Nas azas do ideal, do amor, da inspiração!

Não descança um instante, e vae continuamente
Em busca d'outra luz, em busca d'outra ideia:
Segue, caminha sempre, e lucta eternamente,
E transforma n'um mundo um simples grão d'areia!

Combatemos tambem, temos tambem luctado!
No arido labor das letras, da sciencia!
E em breve o nosso esforço emfim será c'roado,
E aberto um novo campo á nossa intelligencia.

Vivemos como irmãos, e no porvir ainda,
Seja qual fôr o norte as nossas ambições,
Este amor paternal, esta amisade infinda
Mais forte vivera em nossos corações.

Mas vem junto ao prazer a chaga dolorida,
Não se póde deixar sem dôr a mocidade.
Levamos uma crença—a esp'rança n'esta vida,
Mas levamos tambem—a dôr d'uma saudade.

Abel de Magalhães.

A MORTE DE UM GRANDE HOMEM

III

O ENTERRO

Ia grande borborinho na rua em que morára o conselheiro Galvão de Vasconcellos. A cada momento chegavam carruagens de que se apeiavam uns sujeitos fardados, com as suas grã-cruzes e commendas, outros encasacados e solemnes. Os policias, distribuidos pela rua, marcavam aos trens a posição que deviam ir occupar, emquanto as berlindas doiradas do saimento funebre esperavam, com os seus cavallos cobertos de crepe, e os seus *croque morts* enfastiados e inertes, que descesse o caixão.

Os que vinham prestar a ultima homenagem ao illustre orador e eminente estadista, Galvão de Vasconcellos, subiam a escada, e inscreviam o seu nome n'uns cadernos de papel tarjado de preto, que se encontravam n'uma sala, em que as janellas semi-cerradas conservavam uma vaga penumbra, sobre uma meza guardada á vista por um criado immovel como uma estatua.

Em seguida desciam, encostavam-se á humbreira da porta, accendiam os cigarros ou os charutos e conversavam alegremente, depois de terem trocado, *pro forma*, alguns commentarios banaes ás virtudes do finado, ao inesperado da sua morte, á perda que o paiz soffria com a desapparição de tão notavel engenho.

O dia estava lindissimo; era um formoso dia de outono, d'este outono portuguez que é a mais bella, a mais suave, a mais amena de todas as estações. Ouviam-se por toda a parte as musicas alegres das bandas marciaes, que iam, com os respectivos regimentos, prestar as ultimas honras ao finado. Nas ruas que vão dar ao cemiterio de S. João encontravam-se bandos joviaes de familias populares, que iam assistir á festa, porque para a turba indifferente é tudo festa e espectaculo—um enterro ou um triumpho, um anniversario glorioso ou um anniversario funebre.

Como o cemiterio fica longe do centro da cidade, algumas familias tinham tomado as suas precauções: levavam o competente farnel. O pequeno ia na frente, carregado, muito a seu contento, com o caso das vitualhas, e o papá e a mamã seguiam na rectaguarda: a esposa, com o seu vestido azul e o seu chaile de tonkin amarello, abanando-se desesperadamente com o leque nas subidas; o esposo, magestoso e solemne, com o seu fato dos domingos, um pouco adiante da mulher para attestar a sua superioridade de chefe de familia, fumando silenciosamente o seu cachimbo, e mettendo de vez em quando os dedos nos bolsos do colete, examinando gravemente as peças quando passava perto do regimento de artilheria, approvando com a cabeça e murmurando:

—Sim senhor! Mas quem paga isto é a nação!

De vez em quando passava, dirigindo-se para o cemiterio, um grupo de creanças de um asylo, uma associação popular com uma bandeira, as creanças alegrissimas com o passeio, os homens satisfeitos de fazerem figura com os seus distinctivos na casaca, e o seu crepe fluctuante no braço.

Em casa do fallecido, o general Mendes Nogueira subia e descia as escadas, azafamado e suado. Tomava notas a lapis, emquanto os jornalistas, sentados a uma meza do escriptorio, pediam aos criados que lhes passassem os cadernos tarjados de preto, para irem copiando os nomes a fim de darem a noticia o mais completa possivel.

Chegavam algumas commissões dos centros das provincias, trazendo os presidentes as respectivas corôas de perpetuas. Os ministros, que estavam no poder, entenderam que não podiam deixar de vir prestar homenagem ao seu adversario fallecido, e appareceram tambem. Houve um grande movimento de curiosidade, quando se sentio o trote dos correios, acompanhando o rodar das carruagens.

—Olá! murmurou o deputado Albergaria ao ouvido de Luiz Vianna, o presidente do conselho vem macambusio! Temos historia.

—És tolo, homem, respondeu-lhe Luiz Vianna encolhendo os hombros. Querias que elle entrasse por ahi acima com uma cara muito satisfeita? Era absurdo.

—Sim, sim. Eu cá me entendo. Olha-me para aquella cara do Figueiredo, que vem ao lado do presidente. Aquella cara está mesmo a dizer: Estamos em terra, estamos em terra!

Interromperam-se para deixar passar os padres. O prior comprimentava para todos os lados com o seu barretinho quadrado, e respondia, sorrindo, a uma pergunta que lhe faziam:

—Qual historia! Isto vae n'um pulo. Uns responsos engrolam-se para ahi em alguns minutos.

Houve um reboliço, procuravam todos os seus trens.

O Mendes Nogueira, limpando o suor que lhe aljofrava a testa, e com os apontamentos na mão, corria de um lado para o outro a procurar as pessoas que deviam pegar ás borlas.

O caixão vinha descendo a escada, no meio do borborinho das conversações. Os criados, indifferentes, espreitavam por traz dos vidros da janella a pompa do cortejo. Helena, no seu quarto, mordia o travesseiro para que se não ouvissem cá fóra os seus prantos que poderiam perturbar o espectaculo. Um dos presidentes das commissões da provincia, com a sua corôa de perpetuas no braço, descia gravemente a escada, segurando n'uma das borlas do caixão, quando tropeçou n'um galgo, que saía, correndo de um dos quartos, soltando um uivo longo e plangente.

—Diabos levem o cão! berrou o presidente apanhando a corôa que lhe caíra.

—Dá um pontapé n'esse diabo! gritou um dos gatos pingados dirigindo-se ao que vinha atraz de todos.

—Sacudam esse animalejo! disse o Mendes Nogueira, acudindo sollicito a saber se o presidente se magoára.

Um novo uivo do cão, profundamente doloroso, veiu cortar os murmurios alegres que vinham da rua.

—Mas o que fazem estes criados? gritou Mendes Nogueira fulo de raiva.

—Passa fóra! berravam os gatos pingados, atirando pontapés ao cão, que persistia em seguir o cadaver do dono.

Mas o caixão estava já na rua, ia a metter-se na carruagem funeraria, e, a pedido de Mendes Nogueira, a policia interveiu.

A' força de pontapés puxados com alma, o pobre galgo teve emfim de desistir do seu intento, e, uivando tristemente, foi-se refugiar na cosinha.

Então o cortejo poz-se em marcha e desfilou pomposamente pelas ruas de Lisboa apinhadas de povo. Proximo do cemiterio passou por entre as alas da multidão, e por diante da divisão, que, de armas em descanço, depois de passar o feretro, assistia tranquillamente a essa revista de carruagens. Os soldados, com a barretina para a nuca, chamavam os vendedores de limonada de cavallinho, e deitavam abaixo os seus copazios d'esse liquido equivoco. Do seio da turba sahia uma bafagem de murmurios alegres, risos, pregões, commentarios em voz alta, epigrammaticos quasi sempre para os altos personagens que desfilavam. Em cima do muro de uma quinta sentava-se um bando de garotos, bamboleando as pernas, fazendo *azeite*, disputando os logares uns aos outros, a murro e a empurrão. Lá em baixo o rio desdobrava placidamente a sua limpida toalha de um transparente azul. O sol ria no ceu, que não tinha uma nuvem. O povo saboreava com delicias esse espectaculo magnificente, que ainda mais bello parecia no meio d'essa festa da natureza.

Apeiou-se o caixão da carruagem, e, feitas todas as ceremonias do estylo, dirigiu-se para o jazigo, que ficava um pouco longe.

Os convidados seguiam o feretro, conversando com animação.

Um par do reino, amigo do governo, e que nunca lhe faltava com o seu voto, approximou-se do presidente do conselho, com quem trocou um aperto de mão.

—Fica-lhe vago um logar no tribunal de contas! disse elle sem preambulos.

—Fica, fica, respondeu o interpellado.

—Está já compromettido?

—Homem! apenas o Galvão adoeceu, tive logo dez cartas a pedirem-me o logar.

—E' realmente uma vergonha! Ha gente que se não peja de fazer essas cousas! tornou o digno par com uma indignação tanto mais sincera, quanto, tendo chegado n'esse mesmo dia dos Açores, viera encontrar a noticia da morte do Galvão de Vasconcellos sem ter sabido da doença, o que o impossibilitára de tomar a tempo as suas precauções.

Por isso tambem, prestemos-lhe justiça, viera ao enterro unica e exclusivamente para pedir o logar do fallecido.

No grupo dos correligionarios de Galvão de Vasconcellos, conversava-se no mesmo sentido, mas n'um tom bem diverso.

—Este maldito nem ao menos soube morrer a tempo, exclamava o Albergaria muito confidencialmente para um sujeito a cujo braço se encostava. Se espera uns dois ou tres mezes deixava o logar para algum dos nossos amigos.

—Então que queres tu? E' uma pechincha que aquelles diabos apanham.

Chegava-se ao jazigo. O cortejo parou, e, quando o caixão ia lançar-se á cova, um rapaz de bigode preto adiantou-se, e, com uma forte pronuncia minhota, começou:

—Senhores! O pallido anjo da morte...

—Olá! temos discurso! exclamou o Luiz Vianna. Quem diabo é este massador?

—Algum bacharel provinciano que apresenta a sua candidatura para as proximas eleições.

—Não! estopadas é que eu não aturo, de cabeça á vela e com um sol de rachar, disse o Albergaria, affastando-se prudentemente e pondo o chapeu na cabeça.

—E dois! acudiu o conde de S. Gregorio, sahindo tambem da roda, mordendo um charuto e alisando-o com os beiços.

A pouco e pouco a turba foi dispersando. O orador acabou o seu discurso no meio de um grupo de duas duzias de ouvintes.

Depois sentiu-se a primeira descarga, que foi um perfeito tiroteio, o que deu origem a um confuso rumor de gargalhadas e de assobios que sahia d'entre o povo.

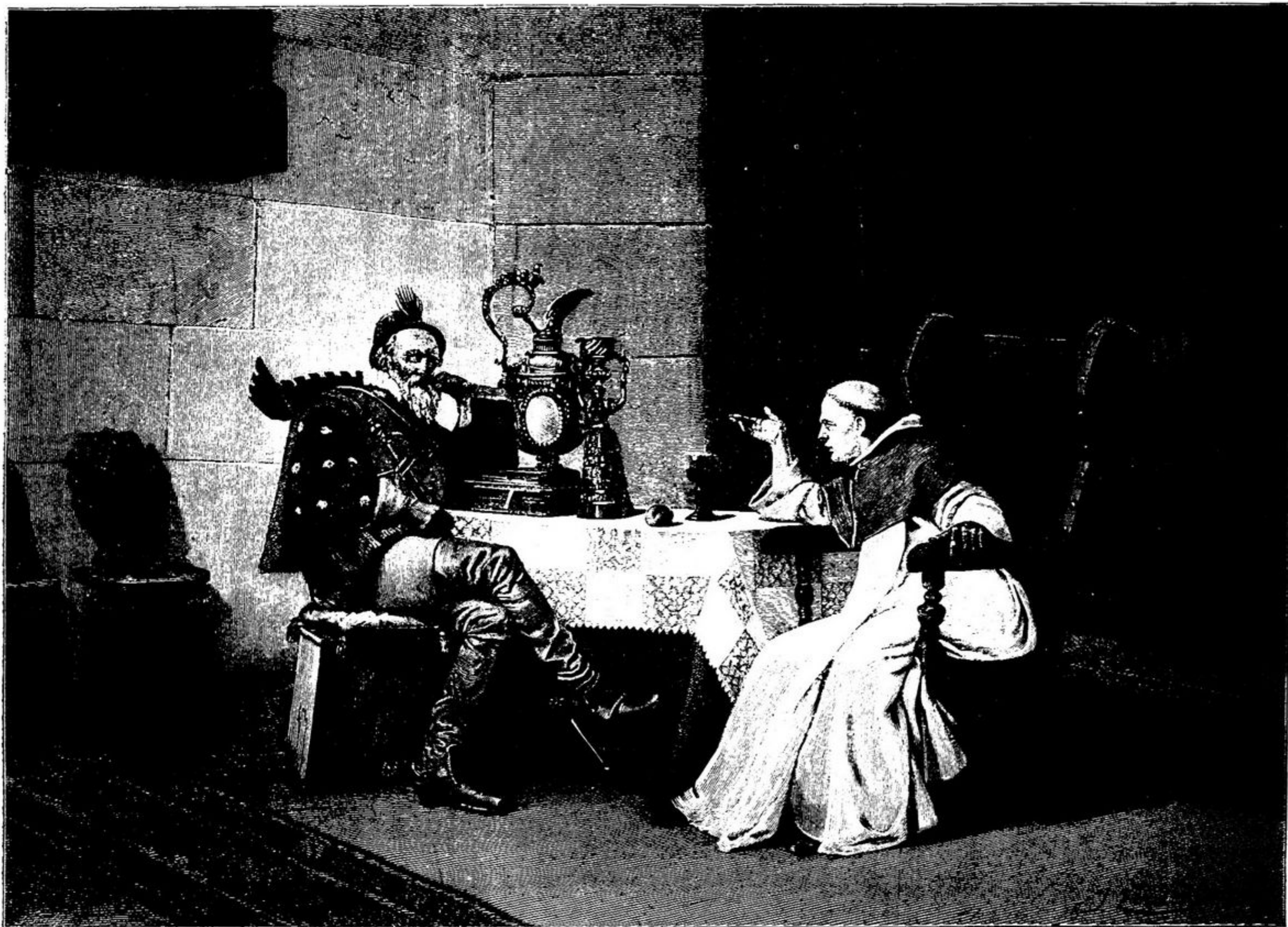
Seguiram-se as outras mais regulares. Entretanto iam chegando os trens que se affastavam a trote largo, e que foram encher as ruas da cidade com o tumulto das suas rodas.

E os regimentos recolhiam ao quartel, precedidos pelas bandas marciaes, que iam tocando as marchas da voga, compostas quasi todas com motivos das operetas de Offembach.

N'essa noite, sobre a terra revolvida de fresco que escondia o corpo de Galvão de Vasconcellos, chorou o orvalho do ceu as suas lagrimas mais puras.

Na casa silenciosa e triste em que elle habitára, uma pobre menina de vinte annos, que parecia ter derramado já todas as lagrimas do seu corpo, cahindo adormecida, emfim, de puro cançasso, acordava em sobresalto, porque sonhára que no quarto de seu tio a sua voz chamára de novo por ella. E, cahindo na realidade da situação, banhava de novas torrentes de pranto as suas faces mimosissimas.

Aos pés da cama vasia, onde Galvão de Vasconcellos adormecera com o eterno somno, o galgo dormia enroscado, como quando ia aquecer com o seu corpo os pés gelados do dono.

E, nos centros politicos, e nas redacções dos jornaes e nos ca-

A CATECHESE (Quadro de J. Leisten)

REGRESSO Á ARCADIA

Quadro de W. Kray

Á ESPERA DO PAE (Quadro de Sadée)

fés os amigos de Galvão de Vasconcellos discutiam, entre gargalhadas, os boatos politicos da noite.

PINHEIRO CHAGAS.

AS NOSSAS GRAVURAS

DE VOLTA AO CURRAL

(Quadro de H. Zügel)

Um rebanho que volta, pelo cair da tarde, á tosca arribana do monte, depois de ter pastado o dia inteiro nas serranias e valles circumvisinhos.

O quadro não se torna recommendavel por bellezas extraordinarias, mas a gente gosta de vel-o, assim mesmo, na sua poetica simplicidade, com aquelle tom encantadoramente bucolico que a nossa gravura reproduz.

A CATECHESE

(Quadro de J. Leisten)

Não ha argumentos que convençam aquelle huguenote rebelde, boas palavras que o convertam á fé catholica. Nasceu no protestantismo, abraçado a elle tem vivido, e protestante ha de acabar os seus dias, á despeito de todas as doutrinas expendidas pelos apostolos da religião de Roma.

Se lhe disserem:—«Crê ou morres!» elle morrerá resignado, mas sem alimentar outra crença religiosa que não seja a sua, sem se converter na hora do passamento.

Será um erro? Que importa! Ha fanatismos que se respeitam, quando elles não levam o fanatisado á pratica de crimes hediondos e monstruosos.

A' ESPERA DO PAE

(Quadro de Sadée)

Uma pobre choupana de pescador, confinando com a praia. Decoração singela e miseravel: os tectos denegridos, a lareira sem lume, e os toscos moveis na maior parte quebrados.

O pão escassea dentro da arca de pinho vetusta, mas a filharada cresce, augmenta, constitue já uma pequena colonia no meio d'aquellas quatro paredes nuas, onde muitas vezes se ouvem os lamentos despedaçadores da fome.

O chefe da familia partiu ha dois longos dias, com a sua companha, para uma pesca no mar alto. Não deixou dinheiro em casa, porque a invernia desapiedada lhe não permittiu que o angariasse. A pobre mulher, cheia de inquietações e não tendo com que sustentar os pequenos famintos, aguarda impaciente o regresso do marido.

Duas das creancinhas illudiram a fome aconchegando-se com a mãe, e dormem a somno solto, amparadas pelo calor materno. Os mais velhos abeiraram-se da janella que deita sobre o mar, e procuram com olhos soffregos, na linha infinita do horisonte, algum ponto negro que se assemelhe á lancha do pae.

Se elle viesse, e a pescaria fosse boa...

REGRESSO Á ARCADIA

(Quadro de W. Kray)

No centro do Peloponeso, entre a Argolida, a Achaia, a Laconia, a Elida e a Messenia, rodeada de montanhas colossaes e bordada de formosos valles verdejantes, por onde serpenteavam mil regatos crystalinos, a Arcadia devia de ser um dos mais encantadores paizes da Grecia antiga.

A nossa gravura representa um bando d'arcadios, que regressa, contente e feliz, ao solo feiticeiro da patria. Gente simples e aferrada ás velhas tradições, levando uma vida pastoril e nomada como a dos Pelasgios seus antigos ascendentes, revela, na quasi completa nudez do corpo, uma singeleza de costumes verdadeiramente primitiva.

Não sabemos se aquelles nomades voltam da Italia, onde a historia nos diz que se estabeleceram varias colonias arcadicas, nem se as aguas onde voga o seu batel são as do lago Stymphale, em cujas margens o façanhudo Hercules matou muitas aves carnivoras. Talvez, mas isso não vem nada para o caso.

COSTUMES DO MINHO

(Copia d'uma photographia)

Dois aldeões de S. Cosme, trajando a fatiota domingueira, e fazendo prodigios musicaes nos seus instrumentos predilectos.

E' um gosto ouvil-os cantar ao desafio ou dedilhar as cordas do violão sonoro e da guitarra folgazã. Nos arraiaes da aldeia são para elles os olhares e os requebros das camponezas mais gentis. Em todas as festas, desеamisadas e vindimas do sitio, hão de vel-os dar sempre a nota alegre dos folguedos, com os seus descantes caracteristicos e as suas tocatas harmoniosas!

Uns felizes! C. D.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

Sendo sempre tão avultado, como é, o numero das pessoas que nos enviam as decifrações das nossas charadas, problemas e enygmas, torna-se-nos impossivel publicar-lhes os nomes, a menos que não dedicassemos a essa publicação uma columna inteira d'este semanario, em prejuizo de muitas centenas de assignantes, que preferem outra leitura mais amena.

Como tal não póde succeder agora, só daremos os nomes de todos os decifradores das charadas quando a *Illustração Portugueza* augmentar o seu formato,—o que não virá talvez longe,—reservando para então o estabelecer premios destinados aos que primeiro as decifrarem.

A REDACÇÃO.

CHARADAS

É duro e fofo este homem—1—1.
Este instrumento bebe-se na Turquia—1—1.
No quarto come-se a bordo—2—1.
Belem. DIAS.

I

A' tarde, quando o sol no occaso vae morrendo,
Ou quando a flor do liz, á tenue claridade
Desprende do seu calice a perfumada essencia
Quizera, então, ouvir a tua voz mimosa
N'um canto de crystal erguer-se magestosa:
Quizera ver, no azul, em doce amenidade,
O teu gentil corpinho, imagem da innocencia,
A doce viração, veloz, subtil, fendendo!—2

II

Eu muitas vezes vou ás mattas do balsedo
Ouvir a grande orchestra—a musica das aves!
E emquanto larga dou á loira phantasia
Ancioso vou buscando a esplendida frescura
Debaixo dos rosaes, nos tuneis de verdura!
E, se da orchestra escuto as notas mais suaves,
Que trazem ao meu seio a limpida alegria,
Eu julgo ouvir teu nome... ó mystico segredo!—3

III

Não penses que te esqueço, ó minha adoroção,
Estrella! ó grande luz do povo de Israel!
A tua imagem linda é meu escudo santo,
E' todo o meu sentir, é toda a minha vida!
Ai! não te esqueço, não, ó pomba estremecida,
E embora, minha flôr, me julgues infiel,
Eu sempre te amarei!
—Ergue-te, pois, meu canto,
E leva-lhe, a tremer, esta saüdação!...

Cuba. MATHEUS PERES

FUGA DE CONSOANTES

....a..iaeu..e..i.e..o
.ue.a..e.u..o.o.e..o
.i..e.o.o.o.a.ao
.ao.oi.o..a.e a..e.o.
.e..u..o.,u.i.o.,..e.o.,
.u.a.a.i.aa...a..ao

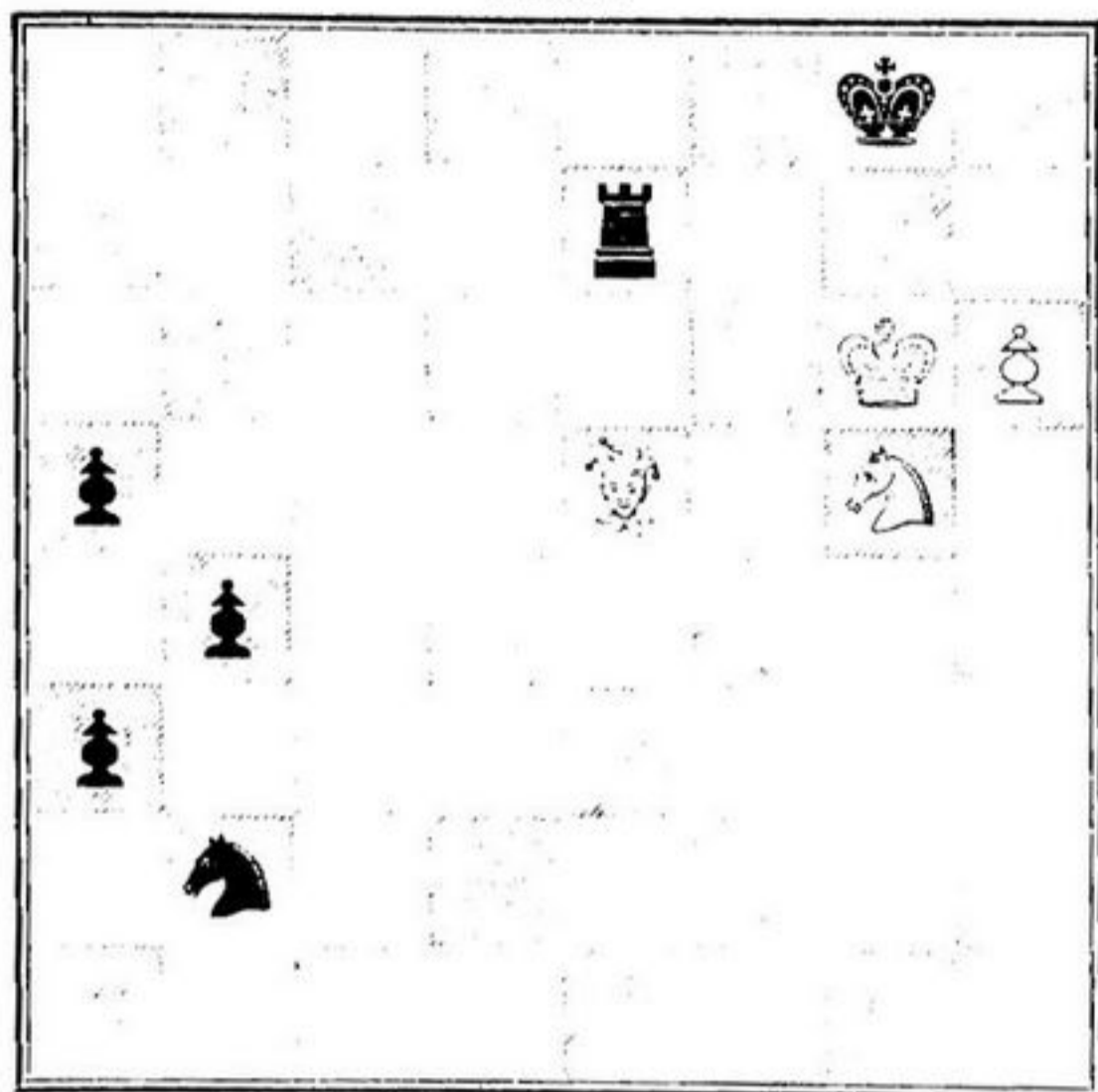
....a..ia.ao.oi..a..o.
.a..a.o..e.o..o..a..o.
.a..a..uei.a..o.a..i.
.e..o..ea..e.e..a..i.o.
.a..ue.e.u..a...e..i.o.
e.ue.ea..a.a..o..i.

.a.i.i.o.ea..eu
(a...i.a.e.a.)

Mirandella. B. CRUZ.

XADREZ

PROBLEMA N.º 3

NEGROS

BRANCOS

Os brancos jogam e dão mate em quatro movimentos.

A RIR

O sr. Y..., que juntou um *de* ao seu nome burguez, fallava ultimamente de certa reunião de fidalgos, a que tinha assistido, e dizia:

—Eramos vinte, e todos nobres, excepto meu pae.

UM DOMINÓ.

PROBLEMA

Uma folha de cartão cortada em rectangulo, com 4 de comprido por 9 de largo, pretende-se dividir em duas partes eguaes, de modo que reunidas formem um quadrado.

DECIFRAÇÕES

Das charadas novissimas:

1.ª—Voador
2.ª—Americano
3.ª—Lisboa

Xadrez—Solução do 2.º problema:

BRANCOS	NEGROS
1. C. 7 B. D.	1. Qualquer movimento.
2. D. 6 T. D. cheque.	2. R. 5. C. D.
3. P. 3. B. D. cheque e mate	

Do problema:—16 ou 48 macacos.

BOUQUET DE PENSAMENTOS

A mulher que falla com affectação da sua feialdade, não é sincera: emitte apenas uma duvida que espera ver combatida. É uma lettra de cambio sacada pela sua vaidade sobre a delicadeza d'aquelles que a cercam.

*

A mulher que sabe sorrir graciosamente e a proposito nunca é feia.

*

Jurar ser fiel é um compromisso que não vae além das forças humanas. Jurar ser constante é uma verdadeira temeridade.

*

O amor platonico é a taça d'opio offerecida pela seducção á consciencia que ella quer adormecer.

X.

UM CONSELHO POR SEMANA

Os vidros de candieiros estalam muitas vezes, quando não foram bem recozidos. Para remediar este inconveniente basta aquecel-os, até á ebulição, em agua ou azeite, deixando-os depois esfriar no liquido.

PROSAICOS E POETICOS

Os pais adoravam aquella filha unica, que resumia para elles o universo.

Pouco depois da creança nascer, faziam-se projectos a seu respeito, construia-se-lhe um destino architectado sobre bases solidas: em torno do seu berço de rendas e cambraias, adejavam, como pequeninos cherubins alados, todos os augurios felizes.

Em primeiro logar, o noivo: o noivo é a grande solução d'este mysterioso problema, que se chama o destino de uma mulher. Era preciso que o noivo destinado á Clarinha fosse rico como um nababo e candido como um arminho.

Optaram pelo João, o afilhado do brazileiro, herdeiro de um milhão, que lhes tinha sido recommendado do Pará pelo padrinho.

O João concluira os preparatorios e partira para Coimbra, exactamente no dia em que nascera a Clarinha.

Quando voltou, com a sua carta de bacharel, o Trigueiros, pae da pequena, perguntou-lhe se queria casar com a filha.

João achou graça á pergunta, beijou a Clarinha, que devorava, de sociedade com a Mariquinhas e a boneca, os pasteis de Tentugal que elle lhe trouxera, e disse que sim.

O Trigueiros escreveu logo para o Pará, a solicitar a desejada licença.

João vinha todas as tardes visitar a sua futura e jogar uma partida de dominó com o Trigueiros.

A Clarinha sabia que tinha um noivo, e, muito divertida, contava aquelle caso ás amigas, discutia-o no collegio, dava-lhe, em apreço, os mesmos cuidados que dispensava ás bonecas, e, quando brincava *aos jantarinhos*, ou *aos namorados*, a pequena que fazia de seu marido chamava-se sempre João.

Viam-se a toda a hora, tratavam-se por tu, e o coração sincero, dedicado e simples do João, prendia-se, sem esforço, áquella bonita creança de cabellos louros e olhos azues, que lhe recordava vagamente, como que na meia luz de um sonho, uma outra cabeça loura, meiga e triste de mulher, que elle vira curvar-se para o seu berço e aquecer-lh'o, como os passaros aquecem os ninhos.

Mais tarde, o padrinho, interrogado pelo rapaz, revelara-lhe que a senhora dos cabellos dourados era sua mãe e que morrera phtisica.

Aquella noticia entristeceu profundamente o Joãosinho, feriu-o no coração como uma punhalada.

A novidade de vir para Lisboa, de entrar no collegio, de conhecer a familia Trigueiros, que o rodeava de caricias e desvelos, que o tratava como se trata um filho, e, sobre tudo, como se trata o herdeiro de um milhão: a opulenta mezada do padrinho e a perspectiva da riqueza que elle lhe destinava, não afugentaram a sombra de melancolia, que se tornou o principal caracteristico da individualidade de João.

Dotado de uma bondade inexcedivel e de uma franqueza um pouco rude, a franqueza, cada vez mais rara, dos que sentem o que dizem e dos que não hesitam em dizer o que pensam, João não agradava á primeira vista.

O seu caracter concentrado, o seu espirito recto e justo, a sua intelligencia esclarecida, mas incapaz de dobrar-se aos jogos malabares do phraseado galante: a sua alma feita para amar e ser amada, mas insusceptivel de alimentar caprichos ou de abrigar fantasias romanescas, não attraia a sympathia das mulheres.

Alem d'isso, João não era bonito: a pelle trigueira, o cabello aspero e grosso, as feições irregulares, a estatura desairosa, a apresentação timida, davam-lhe um aspecto de uma vulgaridade atroz.

O milhão aureolava-o, é certo, e algumas mães faziam-lhe uma côrte assidua, a que varias donzellas experientes e praticas não duvidavam de associar-se.

A mãe de Clarinha, mesmo pondo de parte o milhão, estimava João como a um filho. O seu instincto de mulher e de mãe dizia-lhe que era aquelle o marido susceptivel de fazer feliz sua filha.

Clarinha, pela sua parte, era amicissima do *brazileiro*, divertia-a immenso, prestava-se a todas as suas exigencias, e a creança, amimada e despotica, a tyrannica *filha unica*, habituada a fazer sempre a sua vontade e nunca a dos outros, a viver na atmosphera do luxo e na plenitude do goso, achava um prazer enorme em quebrar nas suas mãos pequeninas e frageis aquelle robusto negro, valente como um leão.

Um dia, em Cintra, a filha da viscondessa chamou a Clarinha de parte e indicando o João, entretido a apanhar umas flores que ella lhe pedira, disse, fixando insolentemente o *brazileiro* com o *lorgnon* e rindo como uma perdid :

—Oh! filha, o teu noivo fugiu do jardim zoologico. Parece um urso!

A Clarinha córou muito: era affeiçoada ao João, doeu-lhe vel-o assim ridicularisado; mas não se atreveu a defendel-o, quasi lhe teve raiva a elle por ser feio e prestar-se, por esse facto, á troça da viscondessinha, uma *chic*, uma rainha da moda, que trouxera de Paris, onde fôra educada, uma alta elegancia triumphante, rescendente a heliotropo.

N'essa tarde, a Clarinha irritada, contrafeita, humilhada, tratou mal o João, não acceitou o braço que elle lhe offereceu e, intencionalmente, deixou cair o ramo que elle lhe déra.

Os epigrammas da filha dos viscondes de Leixões repetiram-se, agudos, incisivos, finos coma a picada de um bisturi.

Nos bailes, o João não dançava nunca.

A Clarinha, instigada pela pequena viscondessa, obrigou-o a walsar na *sauterie* dos Leixões: o pobre rapaz teve a infelicidade de cahir, arrastando na queda a noiva.

A viscondessinha deu uma gargalhada, que provocou o riso de toda a gente.

A Clarinha, vexada, largou o braço do João e correu a esconder-se na estufa.

—Dás licença que te apresente o sr. Alberto de Noronha, que deseja immenso conversar comtigo? pronunciou a viscondessinha, muito risonha, entrando na estufa pelo braço de um rapaz, correcto e nitido como um figurino.

A Clarinha, desorientada, vibrando ainda sob a tortura que lhe infligira o desastramento do noivo, acolheu Alberto de Noronha como um enviado da Providencia.

Assentaram-se na sombra perfumada dos lilazes, entre uma floresta de arbustos que se entrelaçavam, suspendendo das finas hastes flexiveis cachos de flores raras, de um colorido violento e metallico.

Fallaram de uns pequeninos nadas deliciosos, que as mulheres adoram: entraram pela metaphisica do sentimento, depois de sahirem da banalidade das cousas incaracteristicas.

Alberto de Noronha, hirto na bretanha polida dos collarinhos, apertado na casaca, mordida pela gardenia, exhibindo o bico impertinente do sapato e a pretenção idiota do monocculo, fez phrases lindissimas e madrigalescas, e representou por maneira tal o seu papel de seductor inutil e de tolo-eloquente que a Clarinha sentiu-se fascinada.

Emquanto o irresistivel Alberto fallára, divagando ao longo da poesia, da musica e do amor, a Clarinha confrontára-o, mentalmente, com o noivo, comparára o feitio das casacas, das botas, das gravatas, das caras e das idéas de ambos, e concluira, já então na posse deliberada dos seus dezoito annos, que não seria nunca mulher do João.

*

Um grande desgosto para a familia Trigueiros, uma cousa similhante a um desabamento, a um incendio, a uma morte repentina, aquella inesperada negativa da Clarinha.

Mas nem o pae nem a mãe tinham forças para oppôr-se aos desejos da filha.

Foi por isso que, depois de accederem, maguadissimos, a não casarem a filha com o João, tiveram de condescender em acceitarem para genro Alberto de Noronha.

O *brazileiro*, conforme o designavam, acolheu sem uma accusação, mas com uma dôr profunda, intensa e silenciosa, o fatal desenlace de um projecto que elle encarára, a principio, como um divertimento, e a que se prendera, havia muito, com todos os apaixonados affectos de uma alma rica de sensibilidade.

Algumas semanas antes do dia fixado para o casamento, a familia Trigueiros e os viscondes de Leixões achavam-se a banhos em Espinho.

Acompanhava-os Alberto de Noronha, na sua qualidade de noivo, e João de Oliveira, fiel no seu invariavel papel de amigo.

Nenhuma alteração parecia haver-se dado na intimidade existente entre o *brazileiro* e os Trigueiros.

A unica differença consistia na alegria ruidosa, exaggerada e doida, com que a Clarinha se fazia notar, mesmo no grupo das menos recatadas: e na tristeza, quasi funebre, com que o João se esquivava a todas as conviveneias.

Uma manhã de outubro, o céo baixo, o vento forte e o mar escuro e empolado, annunciaram tempestade.

Quando a maré começou a encher, caiu uma trovoada, as ondas cresceram, rebentando em rolos de espuma, o vento redobrou, sacudindo as casas, confundindo os mugidos com o estampido das ondas, estalando como a fuzilaria de um combate de cyclopes.

As banhistas ficaram em casa, tristes, apprehensivas, saudosas do conforto lisbonense, contemplando, com um terror vago, as ondas que ameaçavam devoral-as.

Os homens, de charuto na bocca e guarda-pó de linho, foram para a praia ver a arrebentação.

De repente, um pescador veiu gritar á porta do Trigoso:

—Um senhor da sua familia atirou-se ao mar para acudir a um bote que se voltou!

«O pobre de Christo, clamava o pescador, lá anda enrodilhado nas ondas!»

—Foi o Alberto! gritou a Clarinha, cahindo desmaiada nos braços da mãe.

O Trigoso saiu a correr, e cruzou-se com Alberto de Noronha que vinha placidamente almoçar, depois de ter fumado um havano.

Elle então contou, como a cousa mais natural d'este mundo, o espectaculo a que acabára de assistir.

—Um golpe de vento mettera no fundo um bote carregado de sardinha, tres homens desappareceram: ninguem quizera arriscar-se contra aquella força de mar. O João de Oliveira,—o excentrico!—chegára e, sem dizer palavra, atirára-se ás ondas.

*

Quando João de Oliveira abriu os olhos, depois de violentas fricções, applicadas pelo medico, a Clarinha ajoelhou aos seus pés, beijou-lhe a mão inerte e pediu-lhe, convulsionada pelos soluços, que lhe désse a honra de ser sua mulher.

A viscondessinha, desenganada de obter o prosaico millionario, resolveu-se, para não perder tudo, a casar com o poetico Alberto.

Guiomar Torrezão.

COSTUMES DO MINHO (Copia d'uma photographia)

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso..............	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Typographia do «Diario Illustrado»—Travessa da Queimada, 35, Lisboa